

Socialismo e Espiritismo

© 2018 – Conhecimento Editorial Ltda

Socialismo e Espiritismo

LÉON DENIS

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-445-4
1ª Edição – 2018

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Denis, Léon (1846-1927)

Socialismo e Espiritismo / Léon Denis — tradução
de Luiz Gustavo Oliveira dos Santos – Limeira, SP :
Editora do Conhecimento, 2018.

104 p.

ISBN 978-85-7618-445-4

1. Espiritismo 2. Socialismo e espiritismo I. Título II.
Santos, Luiz Gustavo Oliveira dos

18-0891

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

Léon Denis

Socialismo e Espiritismo

Tradução
LUIZ GUSTAVO OLIVEIRA DOS SANTOS



Sumário

Apresentação	7
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , fevereiro de 1924.....	14
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , março de 1924	24
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , abril de 1924	32
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , maio de 1924.....	41
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , junho de 1924	50
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , julho de 1924	59
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , agosto de 1924.....	69
Socialismo e Espiritismo	
<i>Revista Espírita</i> , setembro de 1924.....	77
Jaurès espiritualista	
<i>Revista Espírita</i> , novembro de 1924.....	88
Jaurès espiritualista	
<i>Revista Espírita</i> , dezembro de 1924	96

Apresentação

É preciso informar, de início, que o conteúdo deste livro foi publicado originalmente sob a forma de artigos da *Revista Espírita*, para a qual Léon Denis escrevia mensalmente. Em fevereiro de 1924, ele publicou na *Revista* o texto que colocamos no primeiro capítulo deste livro, sob o título “Socialismo e espiritismo”, dando continuidade, nos meses seguintes, acrescentando os números II, III, etc. a cada artigo da sequência, sendo o último publicado em dezembro daquele ano. Por isso, o autor se refere, às vezes, aos “artigos” desta “Revista”.

Também cabe dizer que, nessa época, ele já tinha idade avançada e estava com a visão comprometida, motivo pelo qual ditava o texto para sua secretária escrever, fato que ele menciona em algumas partes da obra.

Assim, nós reunimos todos os artigos sequenciados em uma obra sobre o assunto “Socialismo e espiritismo”. A tradução, como é de nossa praxe, preza por ser literal, para manter o estilo e a construção das ideias do autor, e foi feita a partir do texto francês original digitalizado que está disponível para consulta pública.^[1]

Nesta obra de teor político, econômico e social, Léon Denis se lança ao desafio de aplicar os princípios do espiritismo para auxiliar na resolução dos problemas da sociedade, analisando as teorias de maior aceitação à época. Vê-se, de início, que o

[1] Este e vários outros números da *Revue Spirite* estão disponíveis em: <https://sites.google.com/spiritisme.net/encyclopedie-spirite/revue-spirite>.

espiritismo e o socialismo estão conectados profundamente, se não tanto pelos métodos sugeridos pelos diversos teóricos socialistas para implantação desse sistema, certamente por suas aspirações generosas e justas para a sociedade.

Todas as reivindicações dos trabalhadores da época, que eram defendidas pelo Partido Socialista francês, são consideradas perfeitamente “legítimas” e em consonância com a ética fraternal cristã. Uma sociedade espírita realizada, acabada, seria, na prática, socialista: *O espiritismo não é senão o socialismo etéreo*, afirma Léon Denis. A ética cristã, bem entendida e praticada, resulta num socialismo libertador e produtivo, tanto materialmente quanto intelectual e espiritualmente.

Mostrando-se expressivamente sensível com a causa operária, por sua vivência familiar em meio a essa classe e por seu contato com diversos grupos trabalhadores, Léon Denis não fecha os olhos para as dificuldades que sofre o povo na labuta diária. Ele chama de um “espetáculo impressionante” o deslocamento das massas trabalhadoras para as indústrias diariamente, com rostos pesarosos e pálidos, carregando o peso das tarefas ingratas no corpo e na alma. Ele afirma que não pode deixar de se comover com isso. De fato, nenhum espírito preocupado com o bem-estar de seus semelhantes pode ser indiferente a esse estado de coisas. Daí o socialismo, que se importa com transformar essas condições precárias de vida dos trabalhadores, ou seja, da maioria da população, estar alinhado com uma elevação moral e espiritual. Por sinal, esta é uma definição importante que nosso autor apresenta: *Todo homem preocupado com a sorte de seus semelhantes pode se dizer socialista*.

Se é verdade que Léon Denis, seguindo a doutrina espírita, conclui que a prática desta leve naturalmente ao socialismo, por outro lado, seu pensamento ainda apresenta resistências ligadas às “robustas tradições” do mundo. Devido à maior mobilidade social que surgia no capitalismo, em relação aos modos de produção anteriores, viam-se mais operários passarem a classes mais altas e, também, muitos burgueses caírem na pobreza. Assim, são enaltecidas as qualidades que fazem o trabalhador ascender socialmente no sistema, como

a poupança e o trabalho: “Todo operário laborioso e econômico pode se tornar patrão”. Seu argumento é que todo burguês saiu, um dia, do povo. Mas não se pode esquecer, aqui, dos privilégios de nascimento, que ainda existiam e existem hoje, devidos à herança, nem da diferença de oportunidades de acesso aos meios de trabalho e à educação. É este, justamente, o ponto que Denis toca em sua explicação para tais carências: a educação, tanto a da igreja dogmática, quanto a das escolas estereis, as quais não elevam moral nem espiritualmente a população sob sua instrução. A nova educação proposta por ele, de cunho espiritualista, é a que deverá encabeçar a nova humanidade socialista.

Como autêntico filósofo, Léon Denis pondera todos os aspectos das teorias em questão, principalmente das diversas vertentes do socialismo, que é seu assunto central, “desde o socialismo cristão até o comunismo” soviético, analisando seus prós e seus contras. Em primeiro lugar, nenhuma teoria socialista, nem mesmo a de Marx, renega a importância e os progressos do sistema capitalista em relação aos modelos passados. Em seu materialismo histórico dialético, Marx mostra que o capitalismo avançou as relações trabalhistas que existiam entre servos e senhores, nos modos de produção anteriores, rompendo com parte da exploração da produção do trabalhador, permitindo maior mobilidade social e dispersando o poder político juntamente com o econômico. Por isso, assim como o feudalismo, o capitalismo, posteriormente, era praticamente inevitável. A diferença entre os pensadores da direita e os da esquerda está em quanto eles pensam que ainda deve avançar a humanidade quando alcança a etapa capitalista: os da direita entendem que este é o último e melhor modo de produção, enquanto os da esquerda entendem que o progresso continua e que formas de produção que deixam as relações de trabalho mais livres e mais humanizadas serão implantadas. Na concepção marxista, implanta-se primeiramente o socialismo e, por fim, o comunismo. Assim, na obra de Léon Denis, certos elogios à tradição capitalista são compreensíveis à luz da história feudal e escravista anterior, pois não deixam de trazer lições indelévels aos espíritos sob tal re-

gime. No entanto, para o espiritismo, o capitalismo não é um sistema definitivo, nem poderia sê-lo, uma vez que o progresso é lei dos mundos e nunca se interrompe. Enquanto houver injustiça, exploradores e explorados, na Terra, novos modelos econômicos e sociais serão pensados e testados, até que haja amadurecimento suficiente para que maior igualdade, com liberdade, seja alcançada. Esta é a proposta do socialismo, que Jean Jaurès, um dos fundadores do Partido Socialista francês, defendia e tornou o cerne de seu projeto político.

Por mais que estejamos aptos a ver a insuficiência do capitalismo em lidar com a desigualdade social crescente no mundo, muitas lições ele ainda traz com utilidade, na forma de expiações e provas... Por outro lado, tamanha é a admiração de Léon Denis pelo socialismo que ele diz que este é: *o regime social que reina provavelmente nos mundos superiores, lá onde todos trabalham para cada um e cada um para todos em um espírito de abnegação, de devotamento absoluto a uma causa comum*. No entanto, pondera que *esse regime exige qualidades morais e sentimentos de altruísmo que não existem senão no estado de exceção em nosso mundo egoísta e atrasado*. E, neste ponto, vemos claramente a aplicação do espiritismo à teoria social. Nossa Terra, no dizer do Espírito Sanson, um “vale de misérias”,^[2] mundo de provas e expiações que é, carrega em sua superfície seres de má índole que é preciso educar. Se estes não atendem às lições do amor, do ensino amigável, terão ensejo as lições da dor. E o sistema capitalista, ao mesmo tempo em que é um reflexo da inferioridade desses seres ávidos por lucros e indiferentes à dor do próximo, também oferece aos mesmos as dores necessárias para sua própria reflexão e reforma íntima. Sem o amadurecimento exigido dos habitantes do mundo, não se pode (nem se consegue) aplicar adequadamente um sistema mais elevado, da mesma maneira que um aluno de escola primária não pode ser colocado diretamente numa turma universitária, sem que haja perda de pré-requisitos e ocorra constante reprovação, repreensão e repetência sofrível, sem obtenção de qualquer resultado. Assim, um espírito ainda jovem de humanidade,

[2] Allan Kardec, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. V, item 21.

carregado de instintos e incipiente na fraternidade, ainda não impregnado dos princípios de moral autônoma (por princípio interior), precisarão da “emulação” monetária para trabalhar; necessitarão de polícia, prisões, armas, como forma de se conseguir uma moral heterônoma (por coerção exterior), e isso até que as regras não precisem estar num código nem as sanções em instituições externas, mas estejam as regras gravadas em seu coração e as sanções, em sua consciência. Até lá, cada vez que uma regra de puro respeito ao semelhante for implementada, o espírito inferior irá infringi-la, pois a sanção exterior é que lhe serve de freio moral, e, não havendo esta, livre curso dará à sua vontade desregrada. Nessa impossibilidade, cabe esperar o amadurecimento geral, a transição planetária paulatina. Assim como a democracia perfeita, dizia Rousseau, não pode ser implantada sem o pré-requisito da educação adequada para vivê-la, também o socialismo não pode prosseguir sem o correspondente avanço dos espíritos que o praticarão. Léon Denis, então, diante dessa perspectiva, entende que aplicar, por força de lei, um sistema próprio de mundos superiores a seres que nele não saberão viver é atitude “prematura” e fadada ao fracasso. É preciso implantar, antes, o *espiritualismo* que tempera os espíritos e os torna aptos a extrair frutos de um sistema social melhor. Urge, então, ele reforça, a educação espiritualista para este mundo continuar seu progresso.

Mesmo concordando em ser listado entre os socialistas, Léon Denis faz uma crítica vigorosa a certos aspectos do pensamento da esquerda. No entanto, ao fazê-la, ele não se posiciona à direita. Ele procura, antes, o ponto de vista do “alto”, isto é, do mundo espiritual. E, a partir daí, julga que as teorias socialistas que pregam a violência, a revolta armada, a revolução sanguinolenta, não correspondem ao ideal espírita, bem conhecido dele. Seu socialismo é pacifista. A revolução deve se dar pelo melhoramento interior dos espíritos, para então se refletir na sociedade: “Sou evolucionista e não revolucionário”, dizia ele, em sintonia com o pensamento de Jean Jaurès, fundador do Partido Socialista francês, e de Ramsay MacDonald, socialista inglês, muito citados na obra. De fato, há socialis-

mos pacifistas, como o cristão, e violentos, como o marxista e o soviético. Ambos almejam o mesmo fim, isto é, uma sociedade mais humana, livre e educada, no entanto, diferem nos métodos adotados. Tendo percebido com clareza que o espiritismo se alinha ao socialismo de tipo pacifista, ele repudia com ardor as teses dos revolucionários armamentistas, incluindo Marx. O socialismo não deve incitar à luta de fato entre as classes, à destruição, à dominação de uma sobre a outra, mais do que já vem ocorrendo, mas sim à transformação pelo diálogo franco, racional, convincente, pela educação das massas em busca de direitos e de deveres. Avanços sociais foram feitos, muitos sem uma gota de sangue derramada; em vez disso, com ânimo até religioso (como o pacto Grutli e o Mayflower, citados na obra). Assim, mesmo sendo um socialista, as duras investidas que Léon Denis faz contra o estatismo e o marxismo procedem destas raízes: o engano da guerra fratricida e da dominação, que os revolucionários defendem. Para demonstrar seu ponto, o autor repassa eventos da história, como as derrotas soviéticas, procurando mostrar, em consonância com o espiritismo, que “não será pelo crime e no sangue que se poderá fundar um regime de fraternidade, de solidariedade e de amor!”, como sói ser o socialismo espiritualista.

O pano de fundo do livro, após a 1ª Guerra Mundial, é de certo desânimo, em vista deste tão catastrófico evento ocorrer tanto tempo após a vinda de Jesus, parecendo desfazer a lógica do progresso contínuo. No entanto, o autor oferece explicações espíritas para aquela conjuntura mundial, que será melhor conferir diretamente em seu texto. Ademais, a Guerra, em vez de servir de lição coletiva duríssima, teria feito os apetites materiais se aguçarem. Por isso, era preciso dar a maior atenção à instrução da espiritualidade, para que males maiores não acontecessem. Não se ouviram suas admoestações a contento. Ocorreu, anos após a morte de Denis, a 2ª Guerra Mundial. Sua obra, portanto, continua de grande valor para nosso tempo, balizando os rumos que colocarão a humanidade nos eixos da evolução espiritual, moral e político-econômico-social, evitando ainda mais conflitos avassaladores e injustiças.

Os dois últimos capítulos, dedicados ao estudo da vida e

obra do admirado socialista Jean Jaurès, assassinado pouco antes da escrita desta obra, dá o completo acabamento à visão socialista espírita. O ar poético de Léon Denis se faz presente aqui, retomando a aura da França antiga e moderna e seu papel espiritual na história, em meio às vidas de diversos personagens. Por fim, o próprio Jean Jaurès dá seu testemunho de além-túmulo sobre as ideias socialistas do porvir, em comunicações diretas nas sessões de Léon Denis.

Esta obra de Léon Denis é repleta de grandes momentos de inspiração seus e de importantes argumentos filosóficos, de citações de pensadores sobre o assunto e comentários históricos, além de ser pontuada de sérias comunicações dadas pelos Espíritos a respeito de diversos temas econômicos, políticos e sociais ligados ao socialismo e ao espiritismo. Ela cumpre, assim, com seu objetivo de aplicar à práxis social a doutrina espírita, resultando num socialismo espiritualista para um mundo mais avançado, mais humano e mais livre.

Luiz Gustavo O. dos Santos
Brasília, 13 de dezembro de 2016.

Socialismo e Espiritismo

Revista Espírita, fevereiro de 1924.

I

Espiritismo e socialismo estão unidos por laços estreitos, pois um traz ao outro o que lhe falta mais, quer dizer, os elementos de sabedoria, de justiça, de ponderação, as altas verdades e o nobre ideal sem os quais ele corre o risco de permanecer impotente ou de soçobrar na anarquia.

Mas, antes de tudo, importa bem definir o sentido dos termos que empregamos. Para nós, o socialismo é o estudo, a pesquisa e a aplicação de leis e meios suscetíveis de melhorar a situação material, intelectual e moral da humanidade. Nessas condições, as nuances, as variedades de opiniões, de sistemas, são numerosas, desde o socialismo cristão até o comunismo, e todo homem preocupado com a sorte de seus semelhantes pode se dizer socialista, quaisquer que sejam, aliás, suas predileções.

Minha intenção é bem menos tratar a questão social do ponto de vista político ou econômico do que pesquisar qual parte de influência o socialismo poderia ter sobre a evolução do espírito humano, e particularmente sobre a educação do povo. As questões sociais, que tinham se revestido, há algum tempo, de um caráter violento e ameaçavam atear fogo ao edifício que nos abriga, perderam um pouco de sua acuidade. É o momento de considerá-las sem paixão, sem acidez, com a

calma que convém aos espíritos refletidos, amantes da justiça, desejosos de facilitar a evolução de todos na paz e na harmonia. Como veremos, a questão social é, acima de tudo, uma questão moral.

Nós subscrevemos voluntariamente as reivindicações legítimas da classe operária reclamando para o trabalhador sua parte de influência e de bem-estar, seu direito aos benefícios industriais e seu lugar ao sol, mas reprovamos os meios violentos e revolucionários que seriam um perigo para a sociedade ocidental, depois de ter arruinado a sociedade russa.

O que caracteriza atualmente, aos nossos olhos, o estado de espírito dos socialistas, com exceção de algumas raras unidades, é o conhecimento insuficiente e demasiado rudimentar das leis universais, sem a observação das quais toda obra humana está condenada de antemão à impotência, à esterilidade, quando não termina na desordem, no caos.

A vida das sociedades, como a do Universo, é o equilíbrio de forças opostas, de forças contrárias. O equilíbrio perfeito é a ordem, a paz, a harmonia; mas, desde que uma dessas forças se sobrepõe às outras, é a perturbação, a confusão, o sofrimento. O estado de inferioridade de nosso mundo provém precisamente da instabilidade das forças físicas e sociais em ação na sua superfície, pois umas repercutem sobre as outras.

Todo o passado nos mostra a predominância das classes elevadas, ditas dirigentes, sobre o povo reduzido ao estado de miséria. Hoje, são as classes operárias que, por vezes, querem tomar o topo e dirigir por seu turno a sociedade. Mas o despotismo de baixo não é melhor que o de cima; é antes pior, porque mais brutal e mais cego.

Desde a última guerra, o nível intelectual e moral baixou sensivelmente. As paixões se desencadearam, os apetites e as cobiças se tornaram mais ásperos, mais ardentes. É que os melhores partiram; arrastados por seu devotamento, pelo espírito de sacrifício, eles correram para a morte como para uma festa, enquanto que os outros, mais prudentes, menos desinteressados, souberam preservar sua vida. Aqueles que se ofereceram em holocausto para a salvação dos outros pla-

nam em multidão acima de nós,^[3] assimilam-se de forças e de luzes novas. Eles retornarão bem cedo ao seio desta humanidade que tem necessidade de seus concursos para trabalhar por sua evolução. Já, entre a geração que se levanta, espíritos de valor tomaram seu lugar e em uma vintena de anos serão vistos se firmarem por seus méritos e as virtudes adquiridas; mas, daqui lá, teremos a atravessar um período difícil durante o qual todos aqueles que têm consciência de seus deveres e da solidariedade que nos liga a todos, os espíritas, sobretudo, deverão pagar com sua pessoa e guiar seus semelhantes na via árdua do progresso.

A grande lei de evolução que rege todos os seres deve também servir de base a toda organização social. Cada um tem direito a uma situação em relação com suas aptidões e suas qualidades morais. Ora, essa aquisição que nós trazemos de nossas vidas anteriores, só a educação espírita poderia precisá-la.

O essencial seria, então, ensinar primeiro a todos os homens de onde eles vêm, para onde eles vão, quer dizer, qual é o objetivo real da vida e do destino. Somente então aparecerá, em todo o seu brilho e em todas as suas consequências sociais, essa solidariedade imensa que liga os seres em todos os graus de sua ascensão, constringendo-os, para seu próprio bem, a retornar sobre a Terra e sobre os outros mundos nas condições as mais diversas, a fim de adquirir as qualidades inerentes a esses meios e, por vezes também, para resgatar um passado culposos.

Depois das doutrinas do passado que não nos trouxeram senão obscuridade, incerteza, o espiritismo projeta uma viva claridade sobre a via a percorrer; no encadeamento de nossas vidas sucessivas, ele nos mostra a ordem, a justiça, a harmonia que reinam no universo. Que o socialismo amadurecido adote essa grande doutrina, essa ciência vasta e profunda que esclarece todos os problemas e nos fornece provas experimentais da sobrevivência; que seus partidários dela se impregnem,

[3] Sir Conan Doyle, o grande escritor inglês, comunica-nos uma fotografia tirada em 11 de novembro, em Londres, no Cenotáfio do Soldado Desconhecido, durante o minuto de silêncio e de recolhimento. Vê-se nela uma multidão de cabeças de pessoas jovens, entre as quais o eminente escritor afirma reconhecer a de seu filho morto no *front*.

a ela conformem seus atos, e ele poderá se tornar uma das alavancas que levarão a humanidade para destinos melhores.



Embora o eu seja detestável,^[4] creio dever insistir sobre o estado de espírito no qual me proponho tratar deste grande assunto.

Eu nasci na classe operária e dela conheci as lutas, as privações. Meu pai era talhador de pedras, depois, tornou-se pequeno empresário, mas o trabalho faltava frequentemente e foi preciso mudar de ofício. Eu mesmo, depois de ter recebido uma instrução muito sumária, comecei pequeno empregado de comércio e o labor manual não me é estranho. Já, aos doze anos, eu descolava *flans* de cobre na Casa da Moeda de Bordéus, e meus dedos de criança, sob o atrito do metal, tingiam-se, por vezes, de sangue. Aos dezesseis anos, em uma faianceria de Tours, eu carregava o exaustor nos dias em que era desenfornado. Aos vinte anos, em uma manufatura de couros, eu arrastava peles nas horas de aperto, ou manobrava “a margarida”, grande ferramenta de madeira que serve para amaciar os couros. Obrigado, durante o dia, a ganhar meu pão e o de meus velhos pais, eu consagrava muitas noites ao estudo, a fim de completar minha leve bagagem de conhecimentos, e, daí, data o enfraquecimento prematuro de minha visão.

Depois da guerra de 1870, compreendi que era preciso trabalhar com ardor na educação do povo. Para esse objetivo, com alguns cidadãos devotados, fundamos, em nossa região, a *Liga do Ensino*, da qual me tornei secretário geral, criei bibliotecas populares, inaugurei, por toda parte, algumas séries de conferências. Isto, para demonstrar que sempre guardei o contato com as classes laboriosas, que partilhei suas preocupações, suas aspirações para o progresso. Interessei-me bastante pelo movimento cooperativo e por muito tempo mantive, a título gracioso, os livros de um grupo de operários sapateiros reunidos em uma empresa comum.

Agora que a idade branqueou minha cabeça e que a ex-

[4] Referência ao fragmento 455 dos *Pensamentos*, de B. Pascal: “O eu é detestável: (...) é injusto em si mesmo, por fazer de si o centro do todo; e é incômodo para os outros por querer avassalá-los”. (Nota do tradutor.)

periência veio, aprecio mais altamente as vantagens que proporcionam a toda alma as reencarnações entre os humildes e a livre aceitação da lei do trabalho. Com efeito, o trabalho é um preservativo soberano contra as ciladas da paixão, uma espécie de banho moral, um sinônimo de alegria, de paz, de felicidade, quando é realizado com inteligência e dinamismo.

Também compreendo melhor por que a lei de evolução obriga a imensa maioria dos seres a renascer no seio de classes laboriosas, para nelas desenvolver as sãs energias, talhar os caracteres, tornar o homem verdadeiramente digno desse nome. Na luta constante contra as carências, no esforço cotidiano para se arrancar ao aperto das necessidades, pouco a pouco, a vontade se afirma, o julgamento se forma, as mais belas qualidades desabrocham. É por isso que as maiores almas que passaram sobre a Terra: o Cristo, Joana D'Arc e tantos outros nobres espíritos quiseram nascer nas condições as mais obscuras para servir de exemplo à humanidade.



Devo dizer aqui que, no curso de minha vida, desde minha infância, em meio às dificuldades que tive de superar, sempre fui sustentado pelo Além. Nos momentos de que acabo de falar, eu me sentia impelido em meu caminho por uma força invisível, uma força de que eu ignorava ainda a natureza, pois meus guias espirituais não se revelaram senão um pouco mais tarde. Entretanto, eu possuía já uma faculdade medianímica, a da escrita, e obtinha comunicações de uma forma bastante literária. Mas essa faculdade desapareceu de súbito quando me tornei conferencista. Meus protetores do espaço me explicaram que haviam adaptado seus socorros fluídicos às minhas facilidades oratórias e aos meios de improvisação como sendo mais eficazes para a divulgação do espiritismo. Pude notar muitos casos análogos de transformação das faculdades psíquicas, sobretudo entre os médiuns de incorporação.

Nessa época, eu não tratava ainda publicamente das questões espíritas, escolhia assuntos a elas vinculados mais ou menos diretamente, tais como a *Pluralidade dos mundos habitados*, o *Gênio da Gália*, *Joana D'Arc* e outros assuntos

que me permitiam abordar incidentalmente o problema do mundo invisível.

Não foi senão por volta de 1880 que abordei franca e publicamente essa questão. O público era pouco favorável e foi preciso, mais de uma vez, suportar as zombarias, as objeções pueris e, sobretudo, o alvoroço. Hoje, os conferencistas espíritas encontram uma melhor acolhida. Se seus ouvintes não são sempre convencidos, pelo menos escutam com cortesia. Essa diferença de atitude dá a medida exata dos progressos realizados por nossas crenças em um período de quarenta anos.

Foi, sobretudo, no curso de minhas conferências contraditórias na Bélgica, com Volders e Oscar Beck, duas fortes cabeças do Partido Socialista, que pude me dar conta de que este estava profundamente imbuído de teorias materialistas e, por conseguinte, na impossibilidade de vincular seu plano de reforma às leis gerais do universo, cuja essência é toda espiritualista. É verdade que existem brilhantes exceções, entre as quais citarei Jaurès, que foi sempre um espiritualista convicto, eloquente e mesmo poeta em suas horas. Mas não parece que, sobre esse ponto, tenha feito escola.

De minhas constantes relações com trabalhadores de todas as ordens, uma consideração se depreende: é que os operários, seja das cidades, seja dos campos, tomados individualmente, isoladamente, são pouco acessíveis às doutrinas subversivas: comunismo e anarquia. Sem dúvida, eles guardaram do passado, dos séculos de servidão, uma espécie de atavismo intuitivo que os torna hostis a todas as formas da opressão; mas eles possuem, no fundo de si mesmos, o sentimento das realidades, amam a justiça e o progresso.

É, sobretudo, nos grandes centros industriais que os excitadores têm mais poder sobre as massas operárias e que a palavra inflamada dos oradores com mal de arrivismo consegue melhor impeli-las aos excessos. Mas estes têm, geralmente, pouca duração. A França é um país de bom senso e de razão que permanece refratário às teorias do bolchevismo e outras doutrinas estrangeiras. O que se chama a “guerra de classes” não existe senão no papel. Na realidade, não há mais classes desde a Revolução, ou, pelo menos, não há mais entre

elas limites precisos, pois a penetração é recíproca e contínua. Todo operário laborioso e econômico pode se tornar patrão. A burguesia tem suas raízes no povo e nele se recruta incessantemente: foi de seu seio que se elevou a maior parte dos homens que ilustraram a humanidade; foi dele que subiram tantos “burgueses”, graças a seu trabalho ou a seu talento. Ao contrário, quantos pequenos rendeiros, pequenos proprietários, pelo fato da guerra e de suas consequências econômicas, recaíram no proletariado? Seu número é difícil de fixar, pois, mudando de situação, eles mudam, quase sempre, de residência e vão se perder no turbilhão das grandes cidades.

A infelicidade é que os campos se despovoam e que a pletera das cidades cresce sem cessar. Deserta-se o trabalho são e regenerador dos campos, para ir-se encerrar em locais estreitos, privados de ar e de luz. Assim, pouco a pouco, a raça se esteriliza, reduz-se e resvala numa ladeira perigosa.



Parece que nós assistimos a um começo de desagregação da sociedade. O cimento que liga os elementos do edifício, isto é, o espírito de família, a disciplina social, o patriotismo, o sentimento religioso, etc., enfraquece-se e se decompõe.

A quem remonta a responsabilidade desse estado de coisas? Em grande parte, à Igreja e à escola. Petrificada em seus dogmas, a Igreja se tornou impotente para comunicar ao corpo social esta fé viva que é a grande mola, a alma mesma das nações. Seu catecismo, incompreensível e incompreendido, é notoriamente insuficiente para esclarecer e para guiar as crianças do povo nas vias difíceis da existência. Alguns, é verdade, podem ainda com isso se contentar; mas uma sociedade inteira não pode viver desse pão dessecado e endurecido.

Falemos da escola atual, laica e obrigatória. Ela foi uma reação contra a escola congregacionista imbuída de preconceitos dogmáticos e de rotinas seculares. Os promotores da escola laica tinham um programa e um objetivo: Fazer partilhar a todos, em um ímpeto de entusiasmo, sua confiança na solidariedade humana pela difusão da instrução e o conhecimento dos princípios que afirmam o dever e a participação de todos